

## OS OBJETOS SAGRADOS

Clodomir Monteiro  
Presidente da Academia Acreana de Letras  
23/11/2007

Excelentíssima Senhora Dra. Isaura Macedo Maia, Excelentíssimo Desembargador Dr. Pedro Ranzi e Desembargadora Dra. Eva Evangelista, respectivamente Presidente e membros do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado do Acre, queridos confrades, senhores e senhoras.

Compreender o significado profundo da identidade humana é simultaneamente clarear caminhos para melhor entender o papel das comemorações e da boa vontade com que as mais importantes instituições acreanas brindam a Academia Acreana de Letras (AAL)

Sejam nossas comemorações contextos de atos políticos ou não, toda a população hoje, em todo o Acre, começa a conhecer melhor as instituições envolvidas e, orgulha – se delas..

Há setenta anos a AAL troca presentes entre seus membros e, como corporação cultural, com a sociedade, intermediada pela Câmara Municipal, pelo Governo do Acre, similarmente pela Assembléia Legislativa e neste instante navegando seguro nas águas revoltas da vida, ou tranqüilas ondas de prazer descanso e alegria do Poder Judiciário.

Os bens maiores que a AAL preserva são simbólicos, representam a espiritualidade, ética, solidariedade e carinho humanos. Sua sede como sempre digo pode ser instalada em qualquer pedaço de chão e em todos os corações acreanos.

As palestras feitas pelo presidente na Câmara e na Assembléia chamam a atenção para a forma como as sociedades humanas constroem suas cumplicidades e institue redes permanentes do contrato social onde surpreendentemente a falsidade pede falsidade e a fidelidade sua correspondente. A primeira contorna conflitos a segunda elimina tal possibilidade. Contornos desejados para evitar veredas sem retorno. São contratos de trocas de coisas para serem trocadas, outras representadas e outras guardadas, são as sagradas. Estas instituem o fundo de poder simbólico. As falas dos nobres vereadores, sucedidas à do Presidente da AAL, confirmaram propósitos e em si mesmas já instituíam novos estágios de contraprestações, de renovação deste fundo de poder.

Se cada presente dado exige retribuição e se isto é universal temos que decifrar este imbróglio. Marcel Mauss, lembrado por mim na Câmara Municipal e na ALEAC,

ilustra a questão da institucionalização de compromisso recíproca, entre os homens e sociedades. Marcel Mauss fala também sobre o Potlach, nome dado ao costume sagrado no qual os chefes de grupos primitivos davam – se festas com a obrigatoriedade da contraprestação. O dever de dar de retribuir. Ficava a obrigação do convidado retribuir no próximo ano. Este sempre buscava fazê-lo com maior generosidade. Um ato social total: são relações jurídicas, econômicas, sentimentais. Casam – se e dão – se em casamento nestas oportunidades. Claude-Lévi Strauss vai adiante e afirma que as estruturas sociais fundam – se nestas trocas. O importante é que a comunicação é o resultado concreto. Trocam – se objetos mulheres e palavras. Segundo este autor há sempre um inconsciente universal a ser preenchido por conteúdos.

Maurice Godelier, outro clássico da antropologia francesa, em um de seus livros discute O ENIGMA DA DÁDIVA<sup>1</sup>. Centraliza-se, para os objetivos e limites desta palestra, no principal enigma: Acerca dos objetos – substitutos e complementação, continuidade dos homens.

Como resultado de suas pesquisas este, após investigar, interpreta tais costumes entre os Baruaia no Pacífico. Ali os objetos que se guardam são sagrados como dádiva do Sol, da Lua, ou dos espíritos aos antepassados míticos dos Baruaia.

Sagrado não necessariamente vinculado a seitas ou sistemas de culto. O sagrado entranhado pela cultura em todos nós. Sobre objetos sagrados como presença-ausência do homem e da sociedade. Das coisas recalcadas que tornam possível a existência social do homem, Acerca das dádivas ora simétricas ora desiguais das festas, desde as origens, por deuses, espíritos e homens.

Mas sem preciosismo teórico digamos que generalizando: as coisas são para serem comercializadas, para serem trocadas ou proibidas de serem trocadas vendidas ou doadas., no caso para não serem desencantadas.

“As coisas, contudo, não se deslocam sozinhas; e nem por nada.” O que a pôs em movimento, o que previamente lhe traçou o caminho, o que a fez partir e depois regressar ao seu ponto de partida, foi a vontade de indivíduos ou grupos de produzirem(ou de reproduzirem) entre si relações sociais que combinam solidariedade e dependência. Podemos assim dizer que nem tudo é um jogo, e que por detrás do jogo estão necessidades enraizadas no social. Necessidades sociais mais fortes no ser social do homem do que simplesmente a soma dessas necessidades. Isto simplesmente porque

---

<sup>1</sup> Maurice Godelier, O Enigma da Dádiva, Edições 70, Perspectivas do homem. CSAGRAF – Artes Gráficas Unipessoal.Ltda. Novembro 2000

os homens não se contentam em viver em sociedade e reproduzi-la como os outros animais sociais, mas devem produzir a sociedade para viver ( pg 122/123).

As coisas não se deslocam por si próprias. O que as põe em movimento e as faz circular num sentido e depois noutra e noutra ainda... Trata – se da vontade dos indivíduos e grupos estabelecerem entre si laços pessoais de solidariedade e/ou de dependência. Inconscientes e conscientes. Para Lévi-Strauss há um consciente universal, estrutural, os homens e seus grupos em diferentes épocas e recursos vão preenchendo símbolos, linguagem.

Podemos explicar as razões que fazem com que a dádiva siga seus ciclos e se repitam sem necessariamente fazer intervir a crença na existência de uma alma nas coisas, de um espírito, de uma força que as possuiria e as impeliria a regressar ao ponto de partida. Mas nem é preciso recorrer à intervenção direta de "estruturas mentais inconscientes". Os mecanismos são sociológicos. Realidades e forças subjacentes ao deslocamento das coisas dadas são sempre sociais. Elas não provêm, poderíamos dizer, diretamente de estruturas inconscientes e universais do pensamento, mas antes INDIRETAMENTE e isto através de estruturas sociais precisas e que, por conseguinte, não estão presentes em todas as formas de sociedade “

Mas dizer que o social não existe separado do pensamento não significa dizer que a explicação última do social se encontra no “mental” e, sobretudo nas estruturas inconscientes do “mental”.

Certamente não significa que o social é totalmente produto do “mental”. Consciente e inconsciente, só se explicam definitivamente pelo simbólico, ao qual, podemos, contudo, sempre reduzi-los. Pois o ideal nascido no pensamento e por ele criado, não existe apenas no pensamento. Ele está ativamente presente em todas as realidades sociais que faz nascer e que o incarnam. Assim explico a apoteose que estamos vivendo nestes dias, envolvendo a mídia e através dela chegando ao povo em casa, nas ruas, fazendas ou seringais.

O Tribunal de Justiça, órgão maior da garantia dos direitos civis, prevenção e cura de contravenções, aponta também a perspectiva da paixão do zelo do carinho de seus mobilizadores. De zelar pelos bens simbólicos, do sonho e do imaginário. São constituintes – da universal manifestação de cuidado, trocas e guardas sagradas dos objetos – que nos dão identidade. Legislativo e judiciário, executivo, e o chamado quarto poder – a imprensa, a comunicação, juntam-se na complexidade do mundo econômico, de prestação de serviços. A pena da lei junta – se à pena da arte, do belo.

Está sempre em jogo a plenitude da constituição física, biológica, e cultural do homem, e do homem acreano claro. Compatibilidade entre arte e lei, liberdade de ir e vir e de sonhar e tornar o cotidiano menos aborrecido;

Parabéns, pois, a esta casa que os recebe – nos para mais esta pauta. Agradecemos do fundo do coração.

Se não bastasse tantas perspectivas de cooperação recíproca doravante, fica a certeza de que ampliam-se os espaços e as chances de novos cultores da língua pátria.

Obrigado presidente

Principalmente para compreender tudo isto em relação aos 70 anos da AAL recebendo e retribuindo presentes. É chegada a hora de esclarecer mais um pouco sobre a inseparabilidade entre linguagem e sociedade e, claro, compreender, repito pacientemente, da Aritmética lembrada pelo homenageado da AAL, o imortal J.G. de Araujo, cujo pai marcou sua presença no judiciário dos primeiros dias de Território. De fato teremos  $1 + 1 + 1 + 1 = 1$ . Aritmética da Felicidade. Quando misturamos as almas, transformamo –nos em um só. Para o bem do Acre.

O Art. 6º do Estatuto da AAL garante que “Além dos Fundadores e Efetivos o quadro social compõe – se de Mantenedores. O § 4º do caput referido complementa “Mantenedores nominam empresas e instituições, que colaborem financeira e regularmente para a existência da AAL”

O Tribunal de Justiça do Acre cedeu à AAL desde suas origens nomes importantes da cultura jurídica e literária acreanas, e do Brasil. Muitos aqui nascidos dispuseram – se a compor suas nominatas de patronos e fundadores. Amanajós de Alcântara de Araujo, advogado escritor e vereador de Juiz de Fora, já fundador da cadeira 5 da Academia Mineira de Letras, com outro advogado e político Paulo Bentes, paraense de nascimento, lideraram a empreita da fundação da AAL. Ganharam o reforço de mais dois, José Barreiros e Meninéia Pereira, formando os Quatro Cavaleiros da Esperança, só para lembrar os tempos conturbados de Getulio Vargas e Julio Prestes. Estava consolidada para a história a primeira diretoria.

Agradeço a todos os que direta ou indiretamente colaboraram para o êxito de nossas comemorações. Aos contáveis agradecerei pessoalmente e em nome da AAL.

Viva esta indestrutível e misteriosa capacidade de inventar, guardar multiplicar e embelezar cada vez mais os bens simbólicos. Mais uma face deste grande enigma da vida.